

Quando o herói se torna humano: a visão do caderno de esportes da Folha de São Paulo sobre o jogador Ronaldo na Copa do Mundo de 1998.

Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG
Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - UEPG

Introdução

Há algumas décadas vários pesquisadores tem se dedicado a compreender o processo de construção do mito do herói no esporte contemporâneo (Guedes 1995, Rubio 2001, Hellal 2003, Formetin 2006, Giglio 2007, Campos 2008, Cavalcanti 2013). Ao analisar esta produção, verificou-se que um ponto convergente apresentado nestes estudos é a influência que a mídia exerce na criação de um imaginário coletivo, que busca estabelecer nos atletas escolhidos os atributos necessários para que as pessoas comuns se identifiquem com eles.

Ao adotar esta postura, os profissionais da comunicação acabam sendo figuras centrais na criação dos mitos esportivos, os quais passam a ser supervalorizados individualmente, mesmo que isto ocorra com atletas de modalidades esportivas essencialmente coletivas. Por suas características de incerteza; pela biografia de grande parte dos jogadores e pela sua aceitação social, o futebol se tornou um campo midiático privilegiado para a criação do mito do herói.

É possível afirmar que a história do herói é marcada por feitos considerados notáveis para a sociedade da qual ele é tributado. A história do herói, normalmente é contada a partir de um roteiro (romântico) pré-estabelecido, fato que fora destacado por Campbell ao estudar o percurso do herói em diferentes sociedades. Para este autor, o herói se depara com três etapas básicas: na primeira ele se separa do seu local de origem, lançando-se ao desconhecido; na segunda etapa o candidato a herói precisa viver inúmeros

desafios e situações extremas que ao serem superadas tornam-se responsáveis por um rito de iniciação para transformá-lo em herói; a partir destes acontecimentos o indivíduo retornaria para o seu povo, trazendo-lhes a possibilidade de compartilhar os benefícios e as glórias alcançadas.

Destarte, o próprio Campbell relata sobre a necessidade de perceber que o tipo clássico do herói, que foi construído com base na história dos Deuses, morreu com o advento do racionalismo:

O herói morreu com o homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal – renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (...), retornar ao nosso meio transfigurado, e ensinar a lição de via renovada que aprendeu. (CAMPBELL, 2007: 372)

Neste sentido é possível afirmar que ele ainda mantém uma função essencial em certos setores da sociedade, fato que tem sido utilizado de forma recorrente pela mídia, como estratégia para estimular a polêmica, o desejo de consumo e acima de tudo o interesse do público em acompanhar os diferentes acontecimentos esportivos. Desta maneira, concordamos com o posicionamento expresso por Helal (1998: 154), quando ele relata que um fenômeno de massa como o esporte não consegue se sustentar muito tempo sem a presença de heróis, uma vez que eles apresentam entre os seus atributos o papel de fazer com que as pessoas se identifiquem com aquele evento, pois desta forma é possível acreditar que mesmo em uma sociedade contraditória e desigual como a nossa, todos tem a possibilidade de superar os insucessos e tornar-se uma pessoa reconhecida socialmente.

Partindo desta assertiva, este estudo buscou analisar o processo de construção da imagem do atleta Ronaldo Luís Nazário de Lima (Ronaldo), emitido pelos articulistas do caderno de esportes do Jornal Folha de São Paulo,

durante o ano de duas Copas do Mundo - 1994 (Copa do Mundo dos Estados Unidos) e 1998 (Copa do Mundo da França).

Para compreender a trajetória deste atleta, entendeu-se que era necessário perceber o final do ciclo do seu antecessor - Romário de Souza Faria (Romário). Para isto, nossa opção foi dialogar com os estudos de Guedes (1995) e Helal (2003), por serem consideradas no meio acadêmico referências consistente sobre este tema.

Para realizar esta análise, executou-se inicialmente um levantamento da quantidade de reportagens sobre estes atletas, presentes no Caderno de Esportes do Jornal Folha de São Paulo, do qual criou-se o seguinte quadro:

Mês	Romário		Ronaldo	
	1994	1998	1994	1998
Janeiro	44	28	01	30
Fevereiro	30	44	18	31
Março	64	23	15	22
Abril	62	24	29	27
Mai	142	72	60	53
Junho	238	91	51	173
Julho	304	25	48	169
Agosto	64	20	23	31
Setembro	25	10	04	23
Outubro	19	21	12	43
Novembro	13	10	02	36
Dezembro	22	09	18	26
	1027	377	281	664

Criado pelo próprio autor.

Não se trata apenas de quantificar, mas de observar o que é recorrente na textualidade das matérias, proporcionando uma relação de sentido, a partir

da repetição de uma representação. A quantidade adquire um caráter significativo, na medida em que é um traço estruturante da construção discursiva. Mas ela passa a ser significante quando observamos a relação entre os acontecimentos, o que nos permite perceber as convergências e divergências discursivas, sobre o tema estudado principalmente no que se refere a forma como os acontecimentos são narrados ou silenciados e também sobre a recorrência com que o candidato a herói é veiculado nos periódicos, uma rápida observação demonstra a estratégia de veicular a sua imagem de forma positiva, seja demonstrando suas bens sucedidas atuações dentro de campo, ou realizando atividades filantrópicas quando os resultados esportivos não são favoráveis. O importante neste caso, é estar na mídia.

Com base neste levantamento geral foram estabelecidas categorias, que emergiram a partir da própria leitura das fontes. Para ser considerada uma categoria a temática central da reportagem deveria aparecer em pelo menos 12 matérias (corresponde a uma vez por mês, durante o ano), de onde temos as seguintes categorias: clube, mídia, selecionado nacional, treinamento.

Desenvolvimento

Para compreender um momento pontual da trajetória da carreira de Romário, antecessor do estrelato de Ronaldo, utilizamos as análises realizadas em dois estudos clássicos desta temática, Guedes (1995) e Helal (2003). Ambos os autores trabalham com a compreensão da construção da imagem deste jogador por parte da mídia, utilizando como principais fontes documentais o Jornal o Globo; Guedes utiliza ainda o Jornal do Brasil.

Este tipo de análise pode auxiliar na compreensão das interpretações realizadas sobre o povo brasileiro de forma geral e de forma específica, sobre os jogadores considerados rebeldes/polêmicos.

Ao trabalhar com temporalidades diferentes, temos dois tipos de abordagens que se complementam. Ambos os estudos, partem do problema

acontecido entre Romário e a comissão técnica do selecionado nacional durante o amistoso realizado contra a Alemanha, em 1992, no Rio Grande do Sul; momento em que Romário levou a público o seu descontentamento em permanecer no banco de reservas, atitude que foi vista pela comissão técnica como ato de indisciplina, algo que foi recorrente na carreira deste atleta.

Neste episódio, ambos os estudos apontam a disputa de força entre um protagonista da equipe e os treinadores do selecionado, que nesta oportunidade detinham maior poder. Como consequência deste ato, Romário foi afastado dos jogos realizados pela seleção brasileira, nas eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo de 1994, gerando inúmeras polêmicas entre torcedores e uma parte significativa da mídia que solicitava o seu retorno, principalmente pelo fato do selecionado nacional não realizar uma campanha convincente, cujo ápice ocorreu com a necessidade de vitória no último jogo das eliminatórias que seria realizado no Maracanã, contra a equipe Uruguiaia, que também precisava de uma vitória para se classificar.

Diante desta situação o mito de 1950 era constantemente lembrado, criando uma pressão ainda maior sobre os atletas do selecionado. Os autores não analisam o motivo da convocação de Romário para este jogo, indicando somente que seriam pressões externas e a contusão de alguns atletas. Não obstante, Helal vai destacar a forma com que a mídia relatava os fatos que envolvia este atleta, para isto ele extrai um fragmento do Jornal o Globo do dia 08 de setembro de 1993, momento em que Romário disse: *“Sei que sou bom e estou em boa fase (...) Eu sempre soube fazer gols e isso é o que todo mundo quer. Em 13 jogos no Barcelona já fiz 17 gols. Na Holanda, em 142 jogos fiz 148 gols. Por isso eles gostam de mim”*.

O jornal não trata esta declaração como egoísta e individualista, preferindo mostrar que além destes fatos serem verdadeiros, o ser-humano Romário é uma pessoa solícita, que se preocupa com a família, com os parentes e amigos. Discurso este que acaba criando uma tensão entre uma

possível arrogância e as preocupações de alguém que ascendeu socialmente mas não esqueceu das suas raízes, algo fundamental em um país como o Brasil.

Cabe ressaltar que no jogo decisivo contra o selecionado Uruguaio, O Brasil venceu por 2 a 0, com dois gols de Romário, que garantiu a classificação do selecionado para o mundial e a sua permanência no selecionado nacional.

Com a chegada da Copa de 1994 e a convocação de Romário confirmada, esperava-se que ele não só ajudasse o Brasil a vencer, mas que trouxesse aquele futebol alegre, dionisíaco que fora citado alhures por Gilberto Freyre. Romário era em certa medida o símbolo da brasilidade, uma brasilidade que vive no limite entre a norma e o desvio de conduta, mas para o jornal e para os torcedores tudo está redimido se ele for bem (entenda-se fizer gols) e o Brasil vencer.

A Copa do Mundo de 1994 acabou sublimando a figura deste jogador em herói. Não no sentido clássico estabelecido por Campbell do bom moço que vence as dificuldades, pois a carreira de Romário sempre foi marcada pela polêmica. Como indicam Guedes e Helal, a imagem de Romário foi sendo transmutada do sentido de um herói “Macunaíma”, (hedonista, não gosta de treinar, é preguiçoso), vai dando lugar a uma rebeldia mais politizada (denunciadora) que não tem medo de falar sobre alguns acontecimentos políticos que aparecem nos bastidores do futebol.

O estrelato de Romário está localizado entre o encerramento da carreira de Zico em fevereiro de 1990, sua consagração na Copa do Mundo de 1994, na qual ele foi escolhido pelos jornalistas como o melhor jogador daquele mundial e o surgimento da nova promessa do futebol brasileiro – Ronaldo Nazário.

Ronaldo nas páginas de esportes da Folha de São Paulo

A trajetória de Ronaldo Nazário (Fenômeno) é marcada por uma origem humilde. Nascido em Bento Ribeiro um bairro suburbano da Zona Norte do Rio de Janeiro, enquanto adolescente tinha dificuldades financeiras para poder pagar o transporte coletivo e chegar até o local do treino. A vida deste atleta foi marcada por acontecimentos inusitados e precoces, a começar pela sua convocação para a seleção brasileira que foi para a copa do Mundo da Itália (aos 17 anos), a ida ao desconhecido (Europa), a vitória sobre os desafios que poucos conseguem realizar (eleito por três vezes o melhor do mundo). Somado as várias lesões e retornos inimagináveis, são os ingredientes necessários para que uma mídia carente de referências pudesse criar na figura deste atleta o arquétipo do herói brasileiro, pois sua trajetória assemelha-se ao percurso cíclico do herói indicado por Campbell (2002). Fato este que foi relatado na Folha de São Paulo na crônica escrita por Torero:

A vida de Ronaldo Nazário daria um filme. E isso não é uma figura de linguagem. A história desse personagem segue realmente todas as regras para uma boa história. Dizem os manuais de roteiro que para fazer sucesso uma narrativa deve ter obrigatoriamente seis pontos: apresentação do personagem, crise, recuperação, preparação para o grande confronto, clímax e final feliz. Pois bem, na Copa de 94 temos o primeiro passo, a apresentação do personagem. O menino dentuço é o reserva de um grupo que conquista o título para seu país após 24 anos de frustrações. Ele cresce e, na Copa de 98, já é o melhor do mundo. Tem tudo para vencê-la. Seria a maior glória de sua carreira. Mas aí vem o passo de número dois: a crise. Vemos sua convulsão, e a derrota por 3 a 0. É aquele momento em que o herói vê o seu sonho cair por terra. Ele sofre vários reveses. "Está acabado", dizem todos ao ver o osso do joelho como que saltando para fora da pele. Mas Ronaldo continua lutando. Então vem a recuperação, o passo três, conseguida após um árduo trabalho. Passa o tempo, e ele ganha uma segunda chance. Está novamente numa Copa do Mundo. É a preparação para o grande confronto. Um a um os adversários vão caindo, até que chega a hora de enfrentar o inimigo final. Que, como deveria ser, é o mais poderoso possível: a Alemanha. Para deixar as coisas ainda melhores, o inimigo é personificado em Kahn, que tem nome e costeleta de vilão. Começa o duelo. O mocinho tenta uma, duas, três vezes, mas nada. O clima já é de apreensão quando, para a ira de Kahn, ele consegue vazar a meta contrária. Minutos depois,

nosso herói sela a vitória e faz seu país explodir de alegria. Eis o último passo, o final feliz. (02/07/02)

No futebol o jogador pode obter o título de herói em um lance decisivo de uma partida, porém isto é bastante fugaz, pois no jogo seguinte ele pode sair vaiado de campo pela mesma torcida que havia vibrado com ele dias atrás. O ídolo apresenta um maior capital simbólico, pois a sua trajetória é construída com base em diferentes acontecimentos, dentre os quais destaca-se a necessidade de jogar no selecionado nacional, a identificação com a torcida; somado a isto, precisa da potencialização da mídia, que por meio de um processo de exposição intenso do candidato a ídolo, acaba influenciando o imaginário coletivo, sedimentando uma imagem quase intocável.

O surgimento efetivo de Ronaldo enquanto atleta do selecionado nacional aparece em um momento de descrédito do futebol brasileiro. Há 24 anos sem vencer a Copa do Mundo, classificada para o mundial com muitas dificuldades e com uma equipe que não havia convencido o torcedor, pois a equipe só conseguia bons resultados contra seleções sem representatividade no cenário esportivo. Em jogos considerados clássicos, os resultados não permitiam que o torcedor acreditasse na equipe. (Folha de São Paulo 25/06/96)

Além disso, o último herói era Romário, como mostramos anteriormente ele era uma figura polêmica, que não atendia os anseios da imagem de um ídolo nacional. Somado ao fato de que Zagallo era o treinador do selecionado e o relacionamento entre este treinador e o atleta era no limite do profissionalismo, ao ponto de Romário ser cortado da seleção por uma contusão ocorrida na panturrilha, 10 dias antes do início da Copa do Mundo e em circunstâncias bastante duvidosas, que não nos cabe discutir neste trabalho. (Folha de São Paulo, 30/05/98)

Como havia sido campeã da última Copa do Mundo o selecionado nacional, não precisou disputar as eliminatórias. Para suprir a falta de jogos, a seleção realizou dois amistosos preparatórios para a Copa do Mundo de 1998.

O primeiro deles contra o Athletic de Bilbao, empatando de 1 a 1. O segundo contra a seleção de Andorra, a qual até aquele momento nunca havia vencido um jogo oficial e acabou perdendo para o Brasil por 3 a 0. Nestes dois jogos Ronaldo não marcou gols, criando um clima de desconfiança, pois assim como acontecerá anteriormente com Romário, os torcedores depositavam nele as suas esperanças.

A imprensa começou a questionar as atuações do jogador, pois elas não correspondiam com o que ele havia apresentado na Copa América, disputada na Bolívia em 1997, da qual o Brasil pela primeira vez em sua história conseguira vencer esta competição fora dos seus domínios e Ronaldo foi artilheiro da competição com 7 gols.

Após os amistosos o caderno de esportes da Folha de São Paulo, relata: “Uma bola na trave ... quatro defendidas pelo goleiro ... um chute fora ... e Ronaldinho não consegue marcar contra Andorra. (04/06/98).” Em outra reportagem publicada no mesmo dia, apresenta-se que: 25% dos paulistas apontam Ronaldinho o pior da seleção (04/06/98). Tais discursos revelam o sentimento dos torcedores e a insatisfação generalizada.

Ronaldo participou de todos os jogos da seleção neste mundial, apresentando um resultado de 4 gols nos 7 jogos que disputou, destes dois foram decisivos (Chile e Holanda), sendo considerado o melhor jogador do mundial, mas tendo estes fatos apagados pelo mau súbito acontecido momentos antes do jogo final.

No ano da Copa do Mundo foram 663 matérias sobre este jogador, com destaque para os meses de junho e julho, momento de maior concentração da reportagem, principalmente na categoria seleção Brasileira. A imagem estabelecida é um misto entre elogios e dúvidas, não obstante os pontos negativos normalmente eram recuperados quando um jogador tinha um bom desempenho dentro de campo, neste caso as críticas anteriores serviam de combustível e de elementos centrais para supervalorizar os novos eventos.

Tal situação atingiu o seu ápice no fato ocorrido no dia da partida final, momento em que Ronaldo teve um mal súbito e na visão dos jornalistas da Folha acabou sendo o fato mais significativo para que a equipe brasileira não lograsse êxito na obtenção do título. (Folha de São Paulo de 13 a 30/06/98)

Considerações

Ao construir uma imagem discursiva de um ser humano como qualquer outro, os articulistas do Caderno de Esportes da Folha de São Paulo, utilizam acontecimentos que aproximam o jogador dos torcedores, pois destacam o seus erros, a constante luta para vencer, a crise em um momento decisivo, a saudade da família. Tais valores humanizam o ídolo aumentando, favorecendo um discurso de persuasão que potencializa a identificação com o torcedor.

A derrota na partida final da Copa do Mundo e as incertezas sobre a convulsão de Ronaldo serviram de justificativas para manter a esperança do torcedor – Se Ronaldo não tivesse passado mal, o resultado seria outro. Da mesma forma, abre-se a expectativa para o novo evento que aconteceria em 4 anos e o craque estaria com 24 anos de idade, com maior experiência e pronto para se redimir.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamentos, 2007.

CAVALCANTI, Everton & CAPRARO, André Mendes. Ronaldo X Lula: uma análise de discurso na Folha de São Paulo. Revista Movimento, Porto Alegre, v.18, n.4, out/dez. 2012. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/23126>

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1972

FORMENTIN, Claudia Nandi. **O mito nosso de cada dia:** a linguagem utilizada na Revista Capricho na Mitificação do Jogador Kaká. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. O salvador da pátria - considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.1, p.23-41, 1995.

GIGLIO, Sérgio Settani. **FUTEBOL:** Mitos, ídolos e heróis. Dissertação apresentada para a Universidade Estadual de Campinas. Programa de Mestrado em Educação Física, 2007.

HELAL, Ronaldo (et al). **A invenção do país do futebol:** mídia, reça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. . A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. Revista Alceu, jul/dez. 2003. Disponível em <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Helal.pdf>

_____. **Mídia, construção da derrota e o mito do herói.** Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v.5, n.2, 1998.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói:** o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.